A flor da Moita

De Gabriel Rodrigues Duarte.

Sumário

A flor da Moita 0
Prefácio e dedicatória 3
I 4
II 5
III 5
IV 7
V 8
VI 14
VII 15
VIII 17
IX 17
X 18
XI 20
XII 23
XIII 24
XIV 27
XV 30
XVI 31
XVII 32
XIII 34
XIX 35

XX 36
XXI 40
XXII 41
XXIII 44
XXIV 45
XXV 46
XXVI 48
XXVII 50
XXVIII 52
XXIX 53
XXX 54
XXXI 54
XXXII 56
XXXIII 57
XXXIV 58
XXXV 64
XXXVI 65

Prefácio e dedicatória

O seguinte conto não tem caso algum para com a realidade, somente para com algum realismo romantizado, então reflita antes de depenica-lo e apontar as suas falhas, ignorando-as, pois que também ignorei a História, as questões religiosas, ao tempo impreciso, e o que de ruim há de vir.

Dedico esta obra a meu pai, Moisés Alves Duarte; a minha mãe, Maria Eliete Rodrigues Duarte; a minha tia, Nelsa Duarte; e a toda família, que veio e que tenho; arremeto dedicando aos mestres, aos livros e aos dicionários, inda que menos, igualmente, pela linguagem imprecisa e retórica e pelas histórias influenciadoras que do mundo tem-me oferecido e regentes daquilo que escrevi.

I

Em bandas taquaritubenses, conhecidas só pelas tragédias, os habitantes capinavam mato algum a ferir a terra com as afiadas das enxadas, enxadões e foices nos montes cafeeiros, e a poeira de antes sobrevoa agora o ar florido. Por destino, ele paira em nariz alheio, próprio de Carlos, um almocreve pró da insônia- corre os olhares teus, leitor, do coração à ponta do nariz: Gordo de vermes, maltrapilho, só isto.

Deixando o ofício, tem a sua casa, sem número e ao cabo da rua Luiz Benini, depós a praça do Bairro dos Aleixos, onde descansava senhora fina e nobre, daquelas que só engrolam e nada fazem; já lhe iam espetar algo os lábios traiçoeiros. Ela enlaçou o esposo saudosamente e as almas refinaram-se, nada importunou-os, senão o mau olor. Quem há gosto por isto? Perdoe, seu nome era Maria, um joio na vindima.

A mesa travou e ali escondia uma carreirinha de feijões. Algo circular, cheio de identidade; as gadanhas eram os melhores garfolheres. Fortaleci-as.

Após o banquete, espairaram sobre o piso de barro. A música ecoava desde os pés e gemiam, em pranto, felizes. Todavia, o tempo escuro invadia a porta desmantelada com um cururu voejado em limos, frustrado de sua serenata para com a rã, em linguagem estrambólica: “Boa noite”. O corpo expandira nas venturas e transpirou da mente do homem, um sonho peculiar.

II

Inicialmente, não teria de importar um sonho à ciência, mas o faço assim mesmo. Mostre as palmas, que servem aos cegos para tentear a algibeira, como as nossas e direi o que és: Um paspalho. Atreve-se a ler-me incutido nesta linguagem opróbria? Tantos outros literatos clássicos e nacionais- bem que só conheço Machado de Assis-...Continue, está bem, por favor!

Não lhe falaram das maldades da leitura? Vossos miolos digressam a cada segundo. Viro-me, um copo inglês recheado de café, que se vai em um único gorgolejar, e odeio seu agridoce. Uma pedra polme...

III

Na infância, eu brincava de roda envolto em cantigas míticas. Ó borboleta imunda! Bruxa só pode. Pena que a mim nada fez e ficou na ciranda. Nunca confiei em suas sobreposições de estrume e adubos, anunciando como chocolates e comida farta.

Não sentia os remorsos! Alfinetava-a no abdome só para que as asas estorvassem nos balanços do armário- feito de lenha para as lenhas, trato francês e alcunha de soldado, por ter-lhe perpassado uma enxurrada. Lembrava danças folclóricas: Quermesse de frivolidades...As saias terminam em barras a cingir com zigue-zagues o assoalho, iníquas.

Certa vez, dei de saltear uma destas e a senhorita, bem jovem, caiu. Meio a folia, fenderam-na no cocuruto e quase ficou ali estirada para sempre. Socorreram-na por ruas escusas, tortuosas a um doutor que somente disse:

-Vai bem.

E desdenhou, o sorriso, já desleixado, exprimia a tristeza e a farinha passou a sal e o açúcar à voz fria.

Era tão preocupante a moça, que a enviaram a um sanatório, onde enlouquecera e virou santa.

IV

E o pensamento do bastardo;

Um diadema cobria-lhe os fachos luminosos da cabeça e, meio a uma praça, caía-lhe pouco a pouco, cada, de maneira tal, que coincidia-lhe com os pulsos, qual um dobrado, e, doravante, partia-lhe do solo um monstrinho chifrudo, ungulado, feito malva em negrores; este oferecia-lo auxílio, pois aquele nada sabia, nem a si mesmo.

Nada falaram, senão um gorjeio, e, de repente, roubava-lhe o braço e demonstrava a litosfera, cargada de espasmos. Os alhures tolhidos por horrores:

-Que faço eu aqui?

-Olhe para baixo.

Uma mulher de cabeleira relvática, de quem abstraiu-se, debatia-se em um cubo, provocador, semelhante à Caaba-Em seu negro linho, embranca-se em aluviões de véus-, um cassino. Sem demora, apresentou-lhe acolá:

-Não as deixe descambar, dá-lhes prazer, coisa que a virtude não faz.

Caiu dali, amanheceu aquém, e cabrioliu sem deixar rastros e, pelas frestas, fugiu, sem a mulher verberar, já em seu quarto sono.

V

Objetou o corpanzil ao casarão do amigo, do qual retinha grandes dívidas e, de tão atreito, desculpava todas, pois que percebia o aspeito daquele tratador de bestas. Por sua alma vendia tudo, e tudo vendia por nada e a nuvem pueril do primeiro capítulo contém a razão sápida e desconfortante, se hipócrita: era ateu, seu nome, Abrão, inda que conhecido por Francisco (um descaso a sua memória ordinária). Vereador reto nos pensamentos e atos, senão apurado por olfatos de quem o seguia. Formara-se na Academia de Direito de São Paulo e nunca se casou, chegara a ter amantes, e de nenhuma proveio algo desatinado. Almejava reeleger-se pró dos pequenos e dos doentes. Encurtava o passo de alguns meses para a campanha, achava-se, portanto,

em recesso e veio passar o passado no rancho dos mortos dele, como de engrandecimento.

O percurso recheava-se de uma terra iracunda ao pé forasteiro, as pedras e as folhagens trepidavam à cada impasse à porfia: bolhas iam-se feras nos pés e repetia consigo:

-Ame a dor, possua o mundo.

Calcou finalmente o portão de latido estrídulo e lascivo e, por via das entranhas, barganhou a paz e rompeu com a inocência das flores à socapa. O sol estendia os braços, as aves gorjeavam em louvor à luz. A luz incendeia, a luz inflama o peitoril das criaturas e ante a sabedoria de um idoso às mágoas de um guri endiabrado.

Exibia-se o antro com a escuridão faceira. O teto fulgurava nos arcos e o chão em espasmos, às tralhas. Chocou o punho contra a porta;

-Chico!

No interior, o Bragante enfiava a cuca no travesseiro, buscando o conforto, era notívago. Levantou-se, susteve a penúria ao alto e perdeu-se nos sentidos,